



“O país estava em plena expansão quando foi surpreendido por esta crise.”

economista renomado, com a vantagem que lhe proporcionam sua experiência ministerial e uma longa vivência empresarial, Luiz Carlos Bresser-Pereira analisa nesta entrevista as causas mais profundas da atual crise financeira global, além de apontar algumas saídas possíveis, principalmente para o nosso país. Ele relembra os chamados economistas clássicos, de Adam Smith a Marx, para ressaltar que o pensamento econômico sempre teve preocupações éticas e sociais. No entanto, o liberalismo do século 19 advogava a liberdade dos mercados e foi posto à prova pela crise dos anos 30 do século 20. Essa crise

provocou uma maior presença e atuação do poder público na economia, defendidas por Keynes. Na segunda metade do século 20, como reação à presença do Estado, Milton Friedmann proclamou na Escola de Chicago o neoliberalismo, com um mínimo de regulação para os mercados. Começou então uma nova época de liberdade na economia que terminou com os exageros especulativos dos últimos anos. O valor dos ativos financeiros e das commodities foi largamente inflacionado e a renda dos investidores cresceu muito além da evolução da riqueza real das nações. Bresser-Pereira chama isto de “financeirização” e faz dela o ponto central da crise.

Falando sobre o nosso país, Bresser-Pereira acredita que estamos entrando nela em melhores condições que a maioria das outras grandes economias, pelo baixo nível de endividamento nacional, seja do poder público, seja das empresas e até dos consumidores. Mas ele vê alguns problemas que podem dificultar a nossa retomada, principalmente a alta taxa de juros (que não está caindo como deveria) e a desvalorização artificial do real, no confronto com as moedas fortes. Na entrevista que se segue, começamos justamente perguntando o que devemos fazer para apressar a retomada da economia em nosso país.

ENTREVISTA COM LUIZ CARLOS BRESSER-PEREIRA

ESTAMOS LONGE MAS CHEGAREMOS LÁ

ENTREVISTADORES: Francisco Gracioso – Presidente do Conselho Editorial da *Revista da ESPM*
Luiz Marcelo Dias Sales – 1º Vice-presidente do Conselho Deliberativo da ESPM

GRACIOSO – Bresser-Pereira, o Brasil está reagindo como deveria a esta crise?

BRESSER-PEREIRA – Acho que o nosso Banco Central continua agindo, na economia brasileira, como um fator altamente negativo. Não há dúvidas de que o banco tem, como objetivo, manter a estabilidade de preços e não há nada mais importante para um país que a estabilidade de preços. Mas, em seu nome, o Banco Central – praticamente desde 1991, desde o segundo Governo Collor (quando mudou o Ministério) – vem definindo taxas de juros absolutamente escandalosas e deixando que a taxa de câmbio se deprecie muito fortemente. Tenho chamado a isso de “armadilha macroeconômica da taxa de juros alta e da taxa de câmbio subvalorizada”. Quando veio

a crise, o Banco Central continuou a adotar a mesma política – agora, abaixou um ponto na taxa de juros, mas demorou muito. Essa posição reflete a visão dominante no Brasil, desde que o Plano Real foi implementado, em 1994. O Plano foi um grande sucesso de uma política macroeconômica heterodoxa, com o uso da URV para neutralizar a alta inflação inercial. Mas, depois disso, tomou conta do Brasil uma política econômica extremamente ortodoxa, neoclássica e o chamado Consenso de Washington. Então, passamos a adotar todas as políticas que nos recomendavam – lá do norte – e, entre essas, nos diziam para manter a taxa de juros muito alta e a nossa

taxa de câmbio subvalorizada. Isso levou o Brasil a uma crise cambial, em 1998; levou a uma outra crise em 2002 e, agora, uma pequena crise cambial, em outubro de 2008. O Brasil é um país que tem a sorte de possuir imensos ativos humanos e naturais. Os preços favoráveis para *Commodities*, não só agrícolas mas também minerais, foi uma coisa boa, que aumentou bastante as nossas exportações e expandiu a economia. Outro fator foi o processo de ampliação de demanda das classes mais pobres, não apenas com a Bolsa Família, mas também, pelo salário mínimo, que foi substancialmente aumentado em termos reais; e também por meio de um recurso um ▶

“Descobrimos que as nossas instituições estão melhores do que as deles.”

pouco mais perigoso, que foi o Crédito Consignado. Com isso, houve o aumento da demanda interna, que sustentou especialmente a indústria brasileira, quando a taxa de câmbio começou novamente a se valorizar. De repente o país estava em plena expansão quando foi surpreendido por esta crise, como todo o resto do mundo. Então, para responder à sua pergunta, se está reagindo bem; o Banco Central não. O resto do Governo, mais ou menos. Inicialmente, erraram também, porque inventaram a história da *marolinha*, que a crise era problema “deles” e não nosso, que “eles” iriam resolver. Sabemos que a crise é global e que todos estão nela.

LUIZ SALES – Hoje, o Lula sabe.

BRESSER-PEREIRA – A grande coisa é que o Brasil não está entre os países que serão mais atingidos pela crise. Os mais atingidos serão os que se endividaram mais, não apenas externamente – isso é típico de país subdesenvolvido – mas também os países que se endividaram internamente, que dá a crise bancária, que

é a crise que explodiu nos Estados Unidos. Não se percebe, mas há dois tipos de crise financeira: uma é a bancária, que é própria de países desenvolvidos, e a outra é a de balanço de pagamentos. A crise bancária acontece quando os bancos acabam emprestando demais ou, em outras palavras, quando as famílias, as empresas, acabam se endividando demais.

LUIZ SALES – E não têm como pagar...

BRESSER-PEREIRA – É como um castelo de cartas, que se desmancha. Os preços das ações dos bancos caem verticalmente. Essa crise pegou os Estados Unidos violentamente, porque eles nos recomendavam políticas macroeconômicas que eles próprios não seguiam. Eles foram mais ortodoxos em desregular a economia do que nós, e também mais radicais, nesse ponto, do que os europeus. Fiquei impressionado ao perceber que a regulamentação do mercado de ações brasileiro – ao que tudo indica – é substancialmente melhor do que nos Estados

Unidos. De repente, descobrimos que as nossas instituições estão melhores do que as deles. Nossa CVM tem problemas, mas parece melhor do que a Security Commission nos Estados Unidos.

GRACIOSO – Voltando a como a crise nos atingiu – se realmente atingiu menos do que a outros países – a impressão é de que, no Brasil, foi atingida, justamente a parte mais moderna da economia – as empresas globalizadas, exportadoras de manufaturados e, curiosamente, parece que também o agronegócio – que, hoje, é uma das áreas mais dinâmicas da nossa economia.

BRESSER-PEREIRA – Nesses últimos anos tenho promovido uma discussão sobre a taxa de câmbio, porque estou preocupado fundamentalmente com as exportações brasileiras...

GRACIOSO – Curiosamente os brasileiros dizem que não devemos nos preocupar com as exportações. É certo isso?

BRESSER-PEREIRA – Isso é exatamente errado. É a grande oportunidade para um país em desenvolvimento, como o Brasil, no quadro da globalização – em que todos os mercados se abriam e interagem. Quando todos os mercados se abrem, os países que têm mão-de-obra relativamente barata têm uma enorme vantagem. A China, os países asiáticos menores e, mais recentemente, a Índia, estão exportando bens e serviços usando sua mão-de-obra e, com isso, estão crescendo rapidamente. Mas eles precisam ter uma taxa de câmbio

“O liberalismo é uma ideologia maravilhosa.”

competitiva. Nós, no Brasil, nem sempre temos. Mas – como você disse – temos um agronegócio extraordinário, sem dúvida e é o único setor que não precisa tanto de uma taxa de câmbio mais competitiva porque ele se beneficia da chamada “doença holandesa”. De qualquer forma, a crise é mundial e, portanto, atinge fundamentalmente o comércio mundial. Você disse que as empresas que estão sendo mais atingidas são as mais dinâmicas, que exportam mais – o que é a pura verdade; a China vai ter problemas nesta crise, ainda que seu grau de endividamento interno e externo seja pequeno, porque as suas vendas para o resto do mundo vão diminuir...

LUIZ SALES – Ela reduziu cerca de 30% na compra de minério.

BRESSER-PEREIRA – E vai precisar cuidar do mercado interno. Hoje está muito claro para os chineses – e acho que também está ficando claro para os brasileiros – que precisamos continuar nos preocupando com o mercado externo, porque é a nossa grande estratégia. Acabei de publicar um livro na França, que se chama *Mondialisation et compétition* – ainda não foi publicado no Brasil. O livro mostra como deve atuar um país de renda média, como o nosso. Sua tese fundamental é de que a globalização é uma grande competição entre países, e os bem-sucedidos são aqueles com uma estratégia nacional de desenvolvimento, que deve ser, fundamentalmente, uma estratégia nacional de exportação; porque a exportação cria mercado interno, inclusive. Se você está tendo pro-

“O dólar continua sendo a moeda reserva.”

blemas com a exportação, tem de se preocupar também com o mercado interno, e há todo um jogo que se vai fazendo aos poucos. Esse jogo estava em curso, quando a crise irrompeu. Na minha opinião, a crise decorreu de duas coisas: uma chama-se neoliberalismo, a ideologia; e a outra se chama “financeirização”, que foi o que aconteceu na economia. Essa palavra é meio feia...

LUIZ SALES – É horrível, mas não conheço outra para substituir.

GRACIOSO – Está tudo sob a ótica da alavancagem financeira.

BRESSER-PEREIRA – Outro dia escrevi um pequeno artigo para a *Folha de S. Paulo* sobre esse assunto – escrevo toda semana na *Folha*, e uma vez por mês, gosto de fazer uma espécie de “aula”. Então, expliquei a diferença entre financeirização – que foi o que aconteceu nos últimos 30 anos – e o papel real das finanças. As finanças têm um papel fundamental, em qualquer economia, ao transferir os recursos dos poupadores para os investidores, por meio dos bancos. Têm outras funções, como facilitar os pagamentos etc., mas essa é sua função principal. O que a financeirização ▶

“O Alan Greenspan é um caso interessante.”

“Schumpeter mostrou isso com grande brilho.”

fez, foi criar renda financeira fictícia, criar riqueza financeira fictícia.

LUIZ SALES – O que é isso?

BRESSER-PEREIRA – Desde Adam Smith – quando fez a crítica aos mercantilistas – ele mostrou que a riqueza de um país é o seu PIB, a sua produção. Já a riqueza financeira é o valor das ações, dos imóveis, dos ativos financeiros – mas, principalmente, o valor das ações e títulos. O que aconteceu no mundo, de 1980 para cá, foi que o PIB mundial cresceu a taxas razoáveis – nada de maravilhoso – mas a uma média de 3% ao ano, e a riqueza financeira cresceu quatro vezes mais! Isso só foi possível pela valorização artificial das ações, por intermédio das chamadas inovações financeiras. As inovações são importantes – Schumpeter mostrou isso com grande brilho, na primeira metade do século XX. Mas ele pensava em inovações no plano produtivo, da produção e também do marketing porque ele estava focado na abertura de novos mercados, por exemplo. As chamadas “inovações financeiras” aproveitaram-se do mau conheci-

mento dos mercados existentes, das ineficiências do mercado financeiro para conseguir rendimentos especiais para os esquemas originais que eles desenvolviam. E como se fazia isso? Eu, por exemplo, tenho algumas pequenas aplicações e ficava surpreso que elas rendiam 10, 12% ao ano, real, quando os juros – aqui no Brasil – eram maiores. Mas, no exterior (eu tinha um dinheirinho lá fora, oficial) – lá os juros eram de 3% e rendiam 7, 8%; aqui os juros em termos reais eram 8, 9% e rendiam 13, 14%, como era isso? Pois eram as inovações financeiras, essa criação de riqueza fictícia. Isso enriqueceu principalmente os financistas, aqueles jovens muito inteligentes, formados em escolas de *business*, doutorados em economia e que inventavam essas coisas. Para isso, eles precisavam de que não houvesse regulação da economia, não houvesse regulação do mercado, para que pudessem fazer as

espertezas deles, tranquilamente; foi o neoliberalismo que teve esse papel, a ideologia neoliberal.

GRACIOSO – O problema é que agora todo o mundo vai se voltar contra o neoliberalismo. Isso não nos vai levar a uma estatização exagerada da economia?

BRESSER-PEREIRA – Acho que não. O capitalismo é um sistema que vem sendo modificado. Especialmente depois da Guerra, os 30 anos seguintes – entre 1945 e 1975 – são chamados de “os anos gloriosos” do capitalismo, porque o capitalismo se tornou, no plano do Estado, um estado social em que se criou todo um sistema de proteção às pessoas, não houve, absolutamente, estatização na Europa nem nos Estados Unidos. A intervenção do Estado na economia é típica das fases iniciais do desenvolvimento econômico. Depois, essa intervenção torna-se ineficiente e se privatiza. Uma coisa que pouca gente lembra é que o primeiro país a fazer uma industrialização acelerada e tardia, com muita eficiência, foi o Japão – entre 1880 e 1910. Em 1910, eles privatizaram tudo, porque era ineficiente ficar na mão do Estado. Voltando à sua pergunta, nós conseguimos montar um sistema capitalista equilibrado em que a economia crescia fortemente – esses 30 anos gloriosos – crescia com estabilidade, não havia estatização, e se distribuía melhor a renda. Houve uma melhoria substancial

“Financeirização” – foi o que aconteceu na economia.”

na distribuição de renda. Mas acho que, devido a essa financeirização e a esse neoliberalismo – as duas coisas juntas –, tivemos um retrocesso. A economia continuou crescendo a taxas bem menores, mais estável, com muitas crises financeiras – e agora essa enorme crise. O que vai dar isso? Não deve dar estatização; não há nenhuma razão para isso. Vamos restabelecer o equilíbrio...

LUIZ SALES – Os governos simplesmente não têm dinheiro para estatizar tudo.

BRESSER-PEREIRA – Não só isso, mas não há nenhuma lógica para estatizar. Não vejo ninguém defendendo isso. O que se pretende é que o Estado regule melhor. Vocês lembram do 1984, do George Orwell, lá tem um capítulo em que ele fala da língua autoritária, uma língua em que as palavras mudavam totalmente de sentido. Isso aconteceu com o neoliberalismo. De repente eles disseram “não, agora nada mais de Estado produtor, vamos ter o Estado regulador”; ótimo, eu até achei bom, o Brasil estava chegando exatamente na fase em que precisava privatizar as suas empresas estatais, mas precisava regular. Só que eram a favor, na verdade, do Estado desregulador e não do Estado regulador; na prática foi o que fizeram. Quero dizer, o papel do Estado é regular não só a economia, mas toda a vida da sociedade em nome dessa sociedade. O Estado

democrático foi isso. Acho importante essa visão, porque entendo que o liberalismo é uma ideologia maravilhosa. Na verdade, o mundo em que vivemos, nos últimos 300 anos, desenvolveu quatro grandes ideologias. A primeira foi o Liberalismo, século XVIII, a ideologia da liberdade pessoal, da realidade política e da realidade econômica, muito necessária. Depois veio o Nacionalismo, e a formação dos estados-nação e isso foi fundamental; sem estados-nação não se organiza a economia e o sistema mundial. Depois veio o Socialismo, que se pensava fosse uma forma de organizar a produção alternativa; mas não era. Era uma ideologia da justiça social. O Capitalismo continuava a forma de organizar a produção. Finalmente – já na segunda metade do Século XX – veio o Ambientalismo, a proteção do meio ambiente. Então vivemos uma mistura dessas quatro coisas, e nenhuma delas pode ser radical. Para entender essa distorção que houve no capitalismo, deve-se, primeiro, comparar historicamente com o Liberalismo – que era a ideologia de uma classe média burguesa nos Séculos XVIII, XIX contra uma oligarquia de proprietários de terras e militar, e contra um Estado autocrático, o chamado Estado Absoluto; o neoliberalismo no final do Século XX é a ideologia dos ricos contra os pobres e os trabalhadores, e contra o Estado Democrático. Aí percebe-se que houve uma distorção que não

tem sentido; deu no que deu. Vamos jogar fora o neoliberalismo, mas não vamos jogar fora o liberalismo, de jeito nenhum. O liberalismo é um patrimônio nosso. O Adams Smith, por exemplo, foi o autor de *A riqueza das nações*, mas também foi quem escreveu a *Teoria dos sentimentos morais*...

GRACIOSO – Ele se preocupava com o lado ético da economia.

BRESSER-PEREIRA – Vejam o que aconteceu na economia, por exemplo. O neoliberalismo mais a teoria econômica neoclássica – que eu chamo de uma meta ideológica – é a teoria baseada em modelos econômicos hipotéticos dedutivos, puramente matemáticos, que se ensinam nas universidades, nos cursos de pós-graduação em economia ortodoxos, não só em Chicago, mas também Harvard e aqui no Brasil, nas principais escolas. Isso virou uma meta ideológica; virou a “justificação científica” do neoliberalismo dos mercados autoregulados. Isso era profundamente imoral...

GRACIOSO – O egoísmo ético.

BRESSER-PEREIRA – O resultado disso foi uma profunda imoralidade. A American Economic Association tem três grandes *journals* e um deles chama-se *Journal of Economic Perspectives*. Nesse *journal*, há uns dez anos foram publicadas duas pesquisas. Dois economistas montaram um teste de honestidade, uma série de perguntas, e aplicaram esse teste nos estudantes de economia das universidades americanas de pós-graduação e nos estudantes de ▶

“Adam Smith mostrou que a riqueza de um país é o seu PIB.”

outras ciências, também de pós-graduação, e compararam. O resultado foi que os padrões morais dos economistas estavam muito abaixo dos demais. Alguns anos depois, reaplicaram o mesmo teste e deu, outra vez, o mesmo resultado. Foi essa distorção que resultou na “financeirização.” A concentração de renda também em todo o mundo, nos 2% mais ricos, nestes últimos 30 anos, foi impressionante.

GRACIOSO – Nesse contexto, qual foi o papel do Alan Greenspan, por que ele tolerou isso durante tanto tempo?

BRESSER-PEREIRA – O Alan Greenspan é um caso interessante. Como professor de economia, sou um crítico dessa teoria econômica neoclássica – ela era ensinada nas universidades, mas não era utilizada na prática. Ou seja, os bons economistas, quando chegam ao poder, nos Estados Unidos, principalmente no Banco Central ou no Tesouro americano, usam uma política econômica mais prática, fundamentalmente de base keynesiana – e foi o que Greenspan fez, com grande competência. Existem vários *papers* mostrando que o Greenspan foi um grande gestor da macroeconomia, agindo como age um médico clínico – examinando o paciente, em geral,

“Os ‘anos gloriosos’ do capitalismo foram entre 1945 e 1975.”

e usando a sua intuição. Afinal, tomava decisões que foram – de um modo geral – boas. Entretanto, ele acabou sendo vítima do vírus dessa mesma teoria econômica, quando propunha a desregulação geral da economia. Ele então, insistentemente, promoveu a desregulação – e foi um desastre. Aliás, ele não reconheceu seus erros de política macroeconômica, mas reconheceu seus erros de política regulatória.

LUIZ SALES – Ministro, deixe-me fazer uma pergunta um pouco mais pé no chão, em função da crise: por que tanta corrida para o dólar no mundo inteiro? Por que todo mundo corre para o dólar e se afasta do euro?

BRESSER-PEREIRA – Eu costumo dizer que a Ciência Econômica é uma ciência modesta; quer dizer, é uma ciência histórica. Há de se examinar os fatos econômicos dentro de um plano histórico mais geral e só assim pode compreender as coisas. Acho que foi um grande erro dos economistas ter mudado o nome da sua ciência, porque o nome original era Economia Política. Esse era o nome que Adam Smith,

Ricardo, Marx, Stuart Mills e outros usaram; depois passou a haver uma economia “pura” que virou *Economics* ou Economia só, em português – em inglês é *Economics* que é diferente de *Economy*. Isto torna a economia uma ciência modesta, imperfeita e muitas vezes contraditória. Respondendo à sua pergunta, o dólar continua sendo a moeda reserva, porque, por trás do dólar, estão a economia e o Estado americanos. Ninguém tem dúvidas de que o Estado americano não quebra. O Estado brasileiro pode quebrar, o Estado chinês pode quebrar, mas todo mundo sabe que o Estado americano não quebra, porque eles têm a moeda reserva e a capacidade de emitir moeda a qualquer momento. Uma perda total de confiança no dólar, de um dia para o outro, é simplesmente impossível. O euro tem por trás de si uma economia mais sólida que a economia americana, mas não tem um Estado mais sólido. O Estado americano é muito mais sólido do que a União Europeia, que não é um estado, mas um conjunto de Estados, que estão tentando transformar num Estado. É uma explicação fundamentalmente de economia política, não dá para explicar só com mercado, mas é razoavelmente clara.

LUIZ SALES – Todo mundo se pergunta se deve aplicar em dólar ou em euro.

BRESSER-PEREIRA – Acho que, a longo prazo, será melhor aplicar em euros, porque a economia europeia é mais sólida e está mais equilibrada. Estava lendo no *Economist*, sobre um

“A Ciência Econômica é uma ciência modesta.”

“O Estado americano é mais sólido do que a União Europeia.”

livro – que parece ser muito bom – em que os autores, dois economistas, mostram como as sociedades mais igualitárias têm melhores resultados em quase tudo. A sociedade europeia é bem mais igualitária que a americana. A nossa infelizmente é muito desigual ainda. Tenho sido crítico das políticas econômicas brasileiras – mas nós tivemos dois enormes sucessos recentes, que foram a transição democrática e uma democracia consolidada que temos hoje no Brasil. Mas a segunda coisa é que, naquele grande acordo que foi o acordo político das *Diretas já*, da transição democrática, nós também fizemos um acordo contra a desigualdade econômica e resolvemos que íamos aumentar o investimento social, para diminuir a desigualdade – e conseguimos bons resultados, nessa área.

GRACIOSO – Uma última pergunta – não sei se o Luiz terá outra, depois: essa crise toda vai ser boa ou não para a globalização? O que acha que vai acontecer?

BRESSER-PEREIRA – Nos meus trabalhos sobre globalização, sempre distingi com clareza a globalização comercial da financeira; e sempre dizia que globalização comercial é uma coisa ótima para o mundo, e para o Brasil. Toda teoria do comércio internacional e toda prática universal nos ensinam que mercados mais abertos geralmente são bons; só nas fases iniciais do desenvolvimento justifica-se uma certa proteção para a chamada Indústria Infante; mas, depois disso, o mercado mundial é muito melhor. A

globalização financeira, esta sim é um grande perigo, porque tira dos países o controle da sua taxa de câmbio, e a taxa de câmbio é um preço macroeconômico fundamental que se não for bem administrada leva à crise financeira; e, antes de ir à crise financeira, você passa por taxas de crescimento muito baixas, quando há o processo de apreciação cambial que é mais ou menos inevitável. Acho que a globalização comercial vai continuar. Vai sofrer um pouco, agora, mas acho que essas medidas protecionistas, que começam a aparecer, vão ser controladas. Espero, ardentemente, que os países se deem conta de que uma coisa é a abertura comercial, isso é ótimo; mas deixar que os fluxos de capitais circulem como quiserem, isso não deve.

LUIZ SALES – Na Europa, o negócio do euro é o contrário disso: a moeda circula livremente e pronto.

BRESSER-PEREIRA – Em relação ao euro, os países fixaram a sua taxa de câmbio interna no dia em que estabeleceram a troca das suas moedas. Para que isso funcione bem é preciso que haja um orçamento global e também toda uma forma de se compensar as regiões mais pobres etc. Volta e meia se diz “a Itália está numa situação muito difícil, precisava desvalorizar a sua moeda, mas não tem moeda para desvalorizar”. O que aconteceu na Europa, especialmente na Alemanha, foi uma redução nos salários e aumentos de produtividade incríveis, nestes últimos dez anos. Os outros

não, a Itália aumentou salários ao invés de diminuir. Isso desequilibrou e para reequilibrar isso sem taxa de câmbio é difícil. A esperança é que a solidariedade que se forma dentro da Europa por meio da chamada União Europeia, de Bruxelas socorram, de alguma forma, a Itália e outros países também. Estou dando apenas um exemplo. No panorama mundial isso não deve ser feito e a taxa de câmbio é o preço macroeconômico mais estratégico, mais perigoso e mais importante que existe; os outros preços, a taxa de juros, taxa de inflação e taxa de salários são também importantes, mas a taxa de câmbio é a mais complicada.

GRACIOSO – A moeda mundial ainda não é possível...

BRESSER-PEREIRA – Ainda não. Durante 300 anos, tivemos a diplomacia do equilíbrio de poderes – em que os países se ameaçavam com guerras e usavam a diplomacia para evitá-las. Felizmente esse período acabou e hoje, em vez de diplomacia, temos política, temos a política da globalização – agora começamos a pensar em criar um Estado mundial. A ONU é um comecinho de Estado mundial, a OMC é outro pedacinho e todos os tratados, acordos etc. Começamos a fazer política, que é exatamente montar um sistema regulatório mundial: um Estado mundial, que se vai, aos poucos, criando. Estamos longe, mas chegaremos lá.

LUIZ SALES – Professor Gracioso, vamos agradecer ao Dr. Bresser pela aula que tivemos hoje.

GRACIOSO – Uma aula magnífica.

